

Texto sobre minha participação no Pibid
(Miguel Angelo Castelo Gomes, Mestre em Filosofia – CEFET-Rio)

Chamo-me Miguel Angelo Castelo Gomes. Após concluir minha graduação em Teologia na PUC-Rio, no final de 2013, continuei na instituição, agora, como portador de diploma, cursando licenciatura em Filosofia, concluída em julho de 2015. Neste tempo, pude conhecer e me inscrever no PIBID, por meio do querido professor e amigo Edgar Lyra, que me apresentou ao projeto e aos demais ‘pibidianos’ e supervisores, além do Colégio Estadual Visconde de Cairu, escola em que os trabalhos do PIBID foram desenvolvidos.

Hoje, como professor concursado da SEEDUC-Rio, com duas matrículas ativas, desde agosto de 2015, além de mestre em Filosofia e Ensino pelo CEFET-Rio e especialista em Sociologia, pela Signorelli, e em Educação Religiosa, pelos Claretianos, posso perceber um pouco melhor o quanto ter sido membro do PIBID-PUC Rio contribuiu não só na minha formação docente, mas principalmente como ser humano integral.

De fato, a Filosofia é tida, ainda hoje, até mesmo entre alguns docentes de outras disciplinas escolares, como a ‘patinha feia’ da Educação. É, inclusive, muito comum, entre diretores, coordenadores pedagógicos e estudantes, a colocação de uma famosa pergunta: “Filosofia adianta pra alguma coisa na escola? E na vida?”.

No entanto, como filósofo e professor, justamente, o que mais me encanta no saber filosófico é este deixar-se questionar tão radicalmente por tudo e por todos. Exemplo disto é que tais questões, numa aula de Filosofia, ao contrário de provocarem resistência inicial no docente, são em contrapartida um estopim fabuloso para a construção da atividade de um pensamento crítico que não se contenta com respostas superficiais e imediatas, mas sempre pergunta e pergunta e, mais uma vez, pergunta.

Assim, entender a sala de aula como laboratório para atividade do pensamento crítico, tendo, por suporte, os diversos pensadores da história da filosofia, em diálogo com questões de ontem, de hoje e de sempre, é extremamente enriquecedor, tanto para os estudantes quanto para o professor. Digo mais: enriquece a própria escola, que se beneficia amplamente desta experiência, enquanto espaço em construção de um conhecimento urgente para os dias atuais.

Tal perspectiva, sem dúvida, foi cotidianamente exercitada nos tempos de PIBID. Em parceria com os professores-supervisores Luiz Cabral e Jorge, além do apoio imprescindível do professor Edgar, nós, pibianos, fomos impulsionados a exercitar o ‘faro filosófico’ em cada sala de aula, na relação com cada estudante, com cada espaço ora resignificado, com cada ser humano presente na instituição escolar e no entorno.

Por fim, se pudesse resumir, em uma palavra, o significado do PIBID, para mim, seria hoje: OLHAR. Mais repleto de pensamento. De pensamentos. E por assim dizer, mais carregado de possibilidades. A serem percebidas, até mesmo nos detalhes. Traduzidos em projetos, aulas, interações, vida. Vida. Filosofia.